

Recessão é inevitável para economistas

SÃO PAULO — Com ou sem hiperinflação, a economia brasileira apresentará fracos resultados em 1989, gerando recessão, desemprego e poucos investimentos. A saída econômica não poderá ser adotada sem que haja uma alternativa política: quanto menor o apoio político, menor será a chance de êxito de combate à inflação. Esta foi a síntese das intervenções no debate promovido ontem pelo Conselho Regional de Economia de São Paulo sobre a *Carta de Conjuntura*, em que os economistas Paulo Guedes, Luiz Carlos Mendonça de Barros e Francisco Vidal Luna e o deputado federal Plínio de Arruda Sampaio (PT-

SP) traçaram alguns cenários para a economia em 1989.

Houve consenso entre os debatedores quanto a um aspecto: a ameaça da hiperinflação tem um poder tão devastador que torna simplesmente impraticável pensar em apenas uma alternativa para o novo quadro econômico. Paulo Guedes, vice-presidente do Instituto Brasileiro de Mercado de Capitais (Ibmecc), arriscou um prognóstico mais concreto: o governo editará, em pleno verão, um *Plano Primavera* (alusão ao programa adotado há pouco tempo pelo governo do presidente Raúl Alfonsín para combater a inflação na Argentina), com algum tipo de congelamento uma política monetária

mais rígida (maior controle na oferta de moeda) e um aperto na política fiscal (energia na cobrança de impostos e elevação de determinados tributos).

Os indícios, segundo Guedes, são claros. O presidente do PMDB e da Câmara dos Deputados, Ulysses Guimarães, começa a se preocupar com o recrudescimento da inflação. "Daqui a dois ou três meses, ele, o Leonel Brizola, o Lula e outras lideranças estarão sentados à mesa para discutir um programa de emergência", acredita Guedes, segundo o qual isso poderá ocorrer em fevereiro ou março, quando a inflação ficar entre 32% e 35%.